**Programa de Psicologia Experimental IPUSP |**

**Aprendizagem social: uma visão evolucionista**

**DESENVOLVIMENTO SEXUAL EM TRANSFORMAÇÃO**

**AO LONGO DA VIDA**

*Letícia Rosa de Paiva*

O relativo declínio do que se convencionou criticar como determinismo biológico como modelo sobre os comportamentos não deixou para trás um olhar para o passado na tentativa de explicar – ou prever – comportamentos correntes. Em vez do genoma ou da filogenética, o foco parece ter se centrado no desenvolvimento infantil, com especial ênfase aos papéis da socialização e da cultura, para prever o que reserva a vida adulta – ou, em retrospecto, identificar as causas que levaram ao cenário atual. Isso pode ser observado em abordagens sobre o desenvolvimento da sexualidade, como as de que pistas sociais na infância acionam diferentes estratégias sexuais a partir da adolescência de garotas e a que centraliza a aprendizagem social como norteador dos comportamentos sexuais a partir da infância ou prevê um contágio social.

Por isso, as contribuições de perspectivas em torno das estratégias sexuais e da aprendizagem social sobre o desenvolvimento sexual, sobretudo de meninas e mulheres, serão delineadas a seguir em como alguns trabalhos teóricos e experimentais lidaram com a questão – de forma exemplificativa, não porque eles são modelares ou mais representativos, mas porque ajudam a explicitar algumas das problemáticas que merecem atenção. Presto especial ênfase a algumas de suas limitações à luz das propostas sobre os sistemas dinâmicos do desenvolvimento. E, por último, para dar corpo a essa teoria, apresento uma aplicação dessa teoria à sexualidade feminina, com ênfase em orientação sexual.

Mais do que tecer críticas ou defender a superação de certas abordagens, o objetivo aqui é entender como essas diferentes óticas se complementam para um olhar mais abrangente sobre o desenvolvimento da sexualidade. O questionamento que faço é em que medida, ao abordar o desenvolvimento sexual, o foco na socialização em momentos iniciais, potencialmente sensíveis para a composição da sexualidade e como uma forma de previsão, acaba por limitar o entendimento sobre a complexidade desse fenômeno e comportamentos. De outra forma, tanto as primeiras experiências sexuais, quanto normas culturais, oportunidades de exploração da sexualidade e até um drive sexual são apenas alguns dos parâmetros que, ao variar significativamente de sua movimentação típica, podem disparar uma reorganização no sistema que envolve a sexualidade – gerando novos comportamentos e formulações psicológicas (Diamond, 2012).

Isso se contrapõe ao entendimento clássico de que mudanças no comportamento presumivelmente ocorrem apenas nos processos iniciais de desenvolvimento sexual e sempre de forma linear a determinista. E também à tendência de se adotar uma visão retrospectiva sobre o desenvolvimento (van Geert e Steenbeek, 2005). Sob esse véu, uma vez que o indivíduo atinge total reconhecimento e expressão sobre a própria sexualidade, a estabilidade seria o estado natural do sistema.

Retirando o foco de determinação na infância como pretendo aqui, o alvo é reconhecer o desenvolvimento como constante, se desenrolando ao longo da vida (Barret, 2011) – o que pode ser especialmente verdadeiro em relação à sexualidade. Ao mesmo tempo, é, em certa medida, desfazer a visão de causalidade simples e direta entre as primeiras experiências passadas e o estado atual – sem deixar de lado que histórias contadas sobre o passado são sempre sobre o presente, porque não podemos reverter os processos que nos trouxeram ao momento atual (Thelen, 2005).

**As estratégias sexuais e o período sensível em crianças**

Um ponto de partida é que as experiências vivenciadas nos primeiros anos de vida, ao longo da infância, seriam um momento crucial para a sexualidade, responsável por assentar as estratégias sexuais que os indivíduos iriam se ater mais tarde na vida (Draper e Harpending, 1982, apud Belsky, Steinberg e Draper, 1991). Essa ótica estaria contida em perspectivas do evolucionismo moderno para explicar comportamentos sexuais na vida de meninas adolescentes. É o caso da interpretação sobre a ausência paterna na infância favorecer o adiantamento da idade da menarca e do início da vida sexual, entre outros comportamentos classificados por esse referencial como promíscuos, para maximizar as possibilidades reprodutivas.

Mas a mesma lógica, que centraliza as primeiras experiências no curso do desenvolvimento, é aplicada à sexualidade de modo mais amplo. As respostas do indivíduo sobre as variações no contexto serviriam para atingir interesses biológicos, como a função reprodutiva, cujo objetivo final é aumentar a capacidade de dispersar os próprios genes para as gerações seguintes (Belsky et al., 1991). Na prática, nos primeiros anos de vida, a criança teria contato com a disponibilidade de recursos, a possibilidade de confiar nas pessoas ao seu redor e a consistência das relações. Se ela percebe inseguranças e imprevisibilidade nessas dimensões – como a ausência de pai e outros estressores, capazes de afetar a forma de cuidado que recebem das famílias –, seriam despertados mecanismos comportamentais para reduzir a idade da maturação sexual, acelerar as atividades sexuais, além de orientá-las para estratégias de curto prazo, em vez de formação de pares.

De fato, há relações entre essas variáveis, usadas para apoiar a estrutura da teoria: maus-tratos acontecem mais em condições de privação econômica; famílias pobres demonstram menos afeto; e conflitos entre casais são associados a padrões negativos de parentalidade, por exemplo. Ainda, garotas que viviam em lares sem pai tiveram a menarca mais cedo do que suas colegas com pai presente (revisão de Belsky er al., 1991), e é o estresse geralmente associado a famílias de mãe solo que causaria a maturação, e não a falta de contato familiar próximo com um homem adulto.

E para explicar esses mecanismos, uma lógica é que, ao receber cuidado inconsistente e imprevisível, as crianças provavelmente se percebem incapazes de receber amor e os outros como pouco confiáveis – como consequência, não reservam esperança em laços interpessoais próximos. Indicativo disso é que crianças sujeitas a maus tratos têm maior probabilidade de desenvolver apego inseguro, além de serem mais inseguras, cooperativas e empáticas nas relações com pares na infância. Já na adolescência, apresentam mais comportamentos de risco e se engajam em mais relacionamentos de curto prazo (revisão de Belsky et al., 1991).

Ao mesmo tempo, a internalização de problemas pelas garotas se justapõe a quedas na velocidade do metabolismo e acúmulo de gordura corporal, acelerando a menarca e, em decorrência, o início da vida sexual (revisão de Belsky et al., 1991). Esse movimento corporeado, a partir de uma percepção social e do que o ambiente oferece, seria uma tentativa de organizar o ciclo menstrual para permitir mais concepções ao longo da vida.

Dessa forma, é como se comportamento e corpo em desenvolvimento fossem puxados por forças evolutivas, as estratégias sexuais. Aqui, não se trataria de um determinismo estritamente biológico, com o genoma ditando o comportamento sexual, mas de uma socialização inicial. A partir dos entendimentos particulares da criança sobre o que o futuro guarda para os relacionamentos dela, haveria a deliberação de uma rota na história de vida de cada pessoa – percorrida a partir de um sistema aparentemente pré-formado ou pré-programado, aguardando ser preenchido(Ingold, 2000).

Em lugar próximo a essa discussão, coloco a perspectiva de que o desenvolvimento humano tem períodos críticos, em que indivíduos que não tiveram acesso àquela aprendizagem durante certa janela de tempo não serão capazes de desempenhar plenamente a habilidade. O fato de o cérebro humano continuar a se desenvolver após o nascimento, inclusive até depois da puberdade, o que se reduz após esse período, é uma das bases que suporta esse modelo. Mas esse entendimento é aplicável à sexualidade – inclusive, como uma espécie de estampagem sexual(Griffee et al., 2014)**.** Para ilustrar essa linha, há a conclusão que experiências com masturbação na infância, sobretudo antes dos 13 anos de idade, aumentam o interesse sexual em adultos, o que seria consistente com a interpretação sobre a existência de um período crítico para uma sexualidade funcional. Da mesma forma, mulheres que chegaram à idade adulta sem a prática da masturbação na adolescência apresentam também menos interesse em sexo – o que, nessa visão, é lido como uma tendência comportamental(Bogaert e Fawcett, 2006, apud Griffee et al., 2014).

Ainda dentro da ideia de uma primeira experiência como fundadora – ou mesmo definidora – da trajetória de sexualidade das pessoas, a primeira relação sexual, sobretudo quando acontece na adolescência, é reconhecida como tendo importantes conexões com os posteriores conhecimento sexual, crenças e comportamentos.E vivências recompensadoras moldam as expectativas e tomada de decisão, o que pode motivar ou desmotivar indivíduos em episódios subsequentes – o que seria ainda mais forte nas primeiras vezes**.** Isso porque experiência inicial com recompensa sexual formaria um período sensível em que associações de estímulo e recompensa são condicionadas e a exposição ao prazer logo neste começo teria um impacto direto na resposta sexual em adultos (Pfaus et al., 2012, apud Peragine et. al, 2022). Com base em relatos, a lembrança de ter tido uma primeira experiência sexual satisfatória, principalmente com orgasmo, foi associada a um maior nível de desejo sexual na vida adulta – sendo que o contrário também foi notado (Peragine et. al, 2022). Portanto, sob esse escopo, uma recompensa sexual (ou a falta dela) de início é capaz de acionar um desfecho específico observado muitos anos mais tarde.

De outro modo, ao enfatizar processos de auto organização e emergência, a abordagem conferida pelos sistemas dinâmicos se posiciona de forma contrastante a modelos de desenvolvimento que presumem que comportamentos ou experiências complexas se desenrolam conforme programas determinados. É como se houvesse alguns percursos possíveis que são tomados ao terem contato com o estímulo correspondente – em um dos casos em análise, viver em privação econômica e afetiva na infância ligaria um sistema para acelerar a sexualidade em meninas.

As trajetórias de desenvolvimento seriam, na verdade, necessariamente idiossincráticas, moldadas por uma série de conexões entre indivíduos e o entorno. Então seria praticamente impossível traçar a relação de um dado fenômeno complexo com um único fator passado, tanto para desvelar suas causas quanto para prever qual seria o resultado para outro indivíduo exposto ao mesmo elemento em particular (Diamond, 2007). Em outras palavras, poderíamos dizer que dois indivíduos podem chegar ao mesmo resultado a partir de rotas distintas, ou que, mesmo partindo do mesmo ponto inicial, desembarcam em destinos diferentes – ou, de forma prática, por que a gravidez na adolescência é mais comum em lares de mãe solo, mas não é quase a totalidade de garotas com pai ausente que engravidam no período, por exemplo.

Essa forma de entender o desenvolvimento também questiona os modelos tradicionais sobre a sexualidade, já que um objetivo histórico era entender um conjunto de elementos capazes de prever um comportamento consolidado na idade adulta, formando um quadro de biografias similares ou fatos em comum (Gagnon, 1990). Porém, isso não significa dizer que as vivências pretéritas não tenham papel no desenvolvimento. Pelo contrário, as primeiras memórias, são tidas como de um tipo particular, sob a condição de reviver e recontar o passado. Elas são construídas a partir das relações sociais, contendo memórias corporeadas e reações emocionais (Fogel, 2003). Mas é justamente por causa da importância da confluência de condições – e não apenas de uma esfera, como as condições domésticas na infância –, que ações similares podem ter resultados diferentes para cada indivíduo.

A questão é não depositar um único fator – ainda que ele seja a socialização e a cultura em contato com o quadro genético – comportamentos complexos como a sexualidade, associando certa rigidez a como ele irá com os desdobramentos. Do contrário, o risco que se corre é ter uma nova forma de determinismo, que não é estritamente biológico ou genético, mas do ambiente de desenvolvimento restrito aos primeiros anos da vida. Uma abordagem possível para a sexualidade seria entender o desenvolvimento como constante, partindo desde a infância, pela adolescência até toda a vida adulta.

**A aprendizagem social como regra na adolescência**

Em grande medida, as teorias evolucionistas para explicar o desenvolvimento da sexualidade se fiam na aprendizagem social – como a proposta defendida por Jay Belsky e colegas sobre o papel do cuidado e do ambiente da infância nas estratégias sexuais e história de vida, abordada anteriormente. É que seria por meio dela que haveria a emergência dos comportamentos, não havendo uma força exógena a operar sem algum grau de socialização. As abordagens psicológicas sob o leque da teoria da aprendizagem social têm também perspectivas próprias sobre o desenvolvimento da sexualidade e o comportamento sexual na adolescência. Elas se apoiam principalmente nas ideias de imitação e instrução, por isso este será o foco aqui.

Inicialmente, a noção de aprendizagem social parte da tentativa de explicar variações individuais no comportamento, assumindo ainda que os comportamentos são baseados em objetivos e enfatizam expectativas de recompensa – sob o entendimento que essa era a base para reproduzir o que se observa em outros indivíduos (Rotter, 1954, apud Hogben e Byrne, 1998). Como é de se esperar, o prazer sexual e as expectativas sobre ele seriam potentes reforçadores (Hovell et al. 1994, apud Hogben e Byrne, 1998). Contudo, um comportamento pode ser escolhido, mantido ou ampliado sem um reforço externo direto (Mischel et al., 1973; Bandura, 1977; apud Hogben e Byrne, 1998). Além disso, o incentivo nem sempre – ou na maioria das vezes – para replicá-lo é tão claro tanto para quem executa quanto para quem observa. Portanto, não se trata de uma conta simples de busca por objetivos com consequências entendidas como positivas. Também se admite que a experiência individual não é requisito necessário para o processo de aprendizagem (Bandura, 1986, apud Martyniuk e Štulhofer, 2018), e, ao se observar o comportamento de outros, é possível aprender as suas consequências. A réplica ocorreria mais quando o modelo é percebido como atraente e similar, e o comportamento realizado como possível, saliente, simples, prevalente ou com valor funcional (Bandura, 1994, apud Brown, 2002).

Está no pano de fundo da teoria o entendimento que os indivíduos sociais, ao prestar atenção a pistas do ambiente, respondem a estímulos que podem ser aprendidos por meio da cognição e de acordo com suas próprias competências individuais – em uma mistura de fatores genéticos e da experiência (Jablonka, 2003). Assim, uma hipótese na aplicação em sexualidade é que as ações dos adultos promovem indicativos para as crianças sobre comportamentos adequados (Bandura, 1977, apud Hogben e Byrne, 1998). Evidentemente, a família seria a primeira microcultura a fornecer essas pistas (Fogel, 1993). Na adolescência, a forma como pais lidam com as permissões ao namoro pode ser crítica para o início da vida sexual dos adolescentes, por exemplo. Indiretamente, a atitude dos cuidadores sobre sexo, como a idade apropriada para uma iniciação, poderia ser internacilizada pelos jovens – prova disso seria que os adolescentes engajam em atividades sexuais mais cedo quando interpretam uma aprovação ou conforme a própria trajetória sexual dos pais (Longmore et al., 2009). De forma semelhante, a exposição a modelos de violência parental durante a infância é associada à comunicação negativa e comportamentos dominantes em conflitos em relacionamento na idade adulta, o que impõe maiores riscos de agressão e é explicado por um modelo de aprendizagem social (O’Leary, 1998, apud Skujja e Halford, 2004).

Porém, uma questão que desafia a abordagem da imitação e dos modelos é que boa parte do comportamento sexual não tem práticas visíveis em adultos próximos, prontas a serem copiadas pelas crianças. Por isso, a cultura sexual – isto é, aquela não restrita às famílias – é vista como um sinalizador importante. O acesso à mídia e à pornografia é apontado como peça relevante para testar e defender a ação da aprendizagem social nas atitudes sexuais. Isso porque elas apresentam roteiros sexuais que as pessoas não poderiam ter contato de outra forma – como exemplo, indivíduos inexperientes poderiam usar esses padrões para preencher lacunas no seu entendimento sobre como cenários sexuais e de relacionamentos deveriam se desenrolar (Gagnon e Simon, 1973, apud Brown, 2002). A exposição a imagens estereotipadas sobre gênero e sexualidade já ter sido observada como capaz de aumentar a aceitação de adolescentes a sexo fora do casamento, à violência interpessoal e a atitudes negativas em relação a continuar virgem, por exemplo (revisão de Brown, 2002). Apesar disso, não é possível dizer ao certo se um encorajamento, formado a partir dos sinais desse contato com a mídia, teria fomentado a iniciação sexual mais cedo do que teria acontecido sem essa exposição. Ou se, na verdade, adolescentes que já estavam mais interessados em sexo teriam se voltado a esse tipo de conteúdo, em vez de ter sido influenciado por ele.

Dentro das regras da aprendizagem social, atitudes e comportamentos sexuais discutidos na televisão e na internet seriam preditores da sexualidade de quem está exposto. Já foi demonstrada uma associação entre o uso da pornografia e a permissividade sexual, mas sem oferecer maiores certezas sobre os efeitos de longo prazo do consumo de pornografia por adolescentes (revisão em Martyniuk e Štulhofer, 2018). A expectativa seria que indivíduos que observam atividade sexual explícita teriam mais chances de engajar em atividades similares do que aquelas que não o fazem. Contudo, os resultados são inconclusivos (Hogben e Byrne, 2010). Como exemplo, em uma análise longitudinal, ao longo de dois anos, não se observou uma conexão significativa entre os níveis de consumo de pornografia por adolescentes e características de permissividade (como abertura para sexo casual e tomada de risco), sobretudo nas garotas (Martyniuk e Štulhofer, 2018). Isso contradiz estudos anteriores.

E uma das potenciais explicações para o resultado ajuda a iluminar críticas que se pode fazer em relação a abordagem de aprendizagem social como regra para a sexualidade adolescente: aparentemente os adolescentes são capazes de distinguir entre ficção pornográfica e sexualidade na vida real, conseguindo separar o conteúdo de suas próprias ideias e crenças sobre sexualidade (Löfgren-Mårtenson & Månsson, 2010; Matthiesen, 2013). Eles não meramente repetem comportamentos observados em seu entorno, mesmo por modelos. Sendo assim, não necessariamente a mera exposição, ainda que potencializada por recompensas, desencadeará uma réplica.

Esse também é o caso da interpretação de que somente a exposição cultural, por meio da mídia e outros aparatos, formaria diferenças de gênero no comportamento sexual de adolescentes. Com o aumento da retratação de atitudes mais liberais em mulheres, se esperaria que essas distinções caíssem ao longo das últimas décadas. Isso aconteceu no caso de atitudes como incidência relatada de sexo casual e permissividade, mas não mudou para as garotas a idade da primeira relação sexual e o número de parceiros (Petersen e Hyde, 2010).

Nesse sentido, uma questão é boa parte dos experimentos em sexualidade não foram desenvolvidos de modo a testar a tese da aprendizagem, por isso são apenas capazes de apresentar informação que pode ser consistente com o que essa abordagem esperaria, mas não a apoiá-la de modo mais determinante (Hogben e Byrne, 2010). Essa ressalva é relevante ao enquadrar, de modo amplo, comportamentos sexuais na adolescência como devidos aos mecanismos de aprendizagem social – por serem observáveis no contexto ambiental, por exemplo – sem uma análise concentrada na emergência de ações específicas. Apenas com coexistência de fatos não seria possível dizer se houve uma espécie de contágio das pessoas ao redor.

Ainda assim, essa ideia de transmissão social é usada por modelos sobre os comportamentos sexuais de adolescentes. É um exemplo a observação que adolescentes tendem a engajar mais em comportamento sexual ou desviante quando os amigos também o mantém (DiBlasio e Brenda, 1990). Uma interpretação é que eles tenderiam a replicar os movimentos sociais dos pares, sobretudo no que interpretam como oferecendo resultados positivos – incluindo status e popularidade – desconsiderando outros aspectos do desenvolvimento deles. Além disso, o que é central: as interpretações que defendem a tese imitação são, de modo geral, insuficientes em definir se uma influência foi observada ou se adolescentes que já tendem a se engajar em práticas semelhantes – devido a outras contingências – têm maior afinidade e convivem mais.

Ela também encontra problemas ao buscar respostas sobre o desenvolvimento de orientações sexuais, por exemplo. Poderiam ser encaixados no modelo observações como que uma experiência inicial de masturbação ou de primeiro orgasmo com uma pessoa do mesmo sexo ou não poderia predizer a preferência por pessoas do mesmo sexo na idade adulta (Van Wyck e Geist, 1984). Novamente aqui, há um problema de causalidade: não há razão para concluir que a orientação sexual se formou a partir da aprendizagem nas primeiras experiências, ou se essas vivências apenas confirmaram uma preferência já previamente estabelecida.

Esses são alguns dos questionamentos que podem ser feitos sobre a abordagem da aprendizagem como explicação única para comportamentos tão complexos quanto a sexualidade humana. A tentativa dos sistemas dinâmicos seria evitar abordagens que supõem maior peso a algumas variáveis, incluindo a socialização vista isoladamente, propondo maior integração a esses domínios. Portanto, em vez de questionar se certos comportamentos são programados ou aprendidos, para a abordagem dos sistemas dinâmicos deveríamos focar em entender os padrões de estabilidade e instabilidade de cada comportamento, investigando como partes da pessoa ou do ambiente respondem pela perda de padrões e manutenção de novos. Até porque é impossível discernir diretamente as causas de um comportamento, já que todo o sistema é intrincado e interdependente (Thelen, 2005).

Assim, a ênfase maior seria em variações de comportamento do indivíduo ao longo do tempo, em lugar de buscar identificar fatores interpessoais que se diferenciam. Isso passaria por identificar pivôs individuais que provocaram transformações no comportamento até então apresentado. Também acompanharia as mudanças enquanto elas acontecem, em vez de simplesmente comparar comportamentos antes e depois de um potencial salto (Fogel, 2006). Assim, em vez de estudar a sexualidade na adolescência com um olhar retroativo, a partir dos supostos reflexos que deixa na vida adulta – ao ter ou não tido um orgasmo na primeira relação sexual, por exemplo –, mas enquanto eles se desenrolam. Uma teoria útil para o desenvolvimento deve levar em conta não apenas um resultado, mas os mecanismos que geram mudanças (Thelen, 2005).

**Desenvolvimento ao longo de toda a vida**

Assim como outras esferas da sexualidade, a orientação para pessoas do mesmo sexo parece ser um fenômeno multifatorial, caracterizado por múltiplas causas e trajetórias de desenvolvimento, além de se apresentar de diferentes formas. E, para cada indivíduo, haveria uma combinação própria desses fatores. As razões para idiossincrasias na sexualidade não têm sido completamente reveladas nem mesmo por teorias biossociais, que propõe uma integração de fatores biológicos e sociais – como os já apresentados pontos de vista das estratégias sexuais, guiadas por pressões da evolução, e da aprendizagem social, que prevê a influência de modelos no desenvolvimento de comportamentos.

Diante dessa lacuna, uma abordagem de sistemas dinâmicos de desenvolvimento é usada para a análise sobre a homossexualidade e bissexualidade em mulheres (Diamond, 2007) – mas o mesmo enfoque poderia se estender a outras questões, incluindo comportamentos de risco, desejo sexual e desvios de norma, abordados aqui anteriormente com foco na adolescência. Isso porque os modelos de sistemas dinâmicos buscam explicar como padrões complexos emergem, se estabilizam, mudam e se reestabilizam ao longo do tempo. A partir daí, as trocas entre humanos e o ambiente ao longo do tempo dão origem a novas formas de pensar e se comportar, não havendo imutabilidade (Fogel e Thelen, 1987; Thelen e Smith, 1994; apud Diamond, 2007). Enquanto os modelos tradicionais do desenvolvimento entendem os processos como progressivos, os sistemas dinâmicos focam em transformações abruptas ou inesperadas, disparados por eventos menores. As transformações se dão a partir da interação de fatores endógenos (como habilidades, capacidades, cognição e emoção) e exógenos (relacionamentos, experiências, normas culturais, histórico familiar). Isto posto, não são descartados os recortes dados por outras abordagens da socialização exploradas anteriormente, mas se dá ênfase em como a interação entre esses elementos pode dar origem a comportamentos.

Para uma aplicação dos sistemas dinâmicos, o enfoque na sexualidade das mulheres é ilustrativo na medida em que as atrações delas têm maior capacidade de mudar ao longo do tempo e a depender das situações do que as atrações masculinas (Weinberg, Williams e Pryor, 1994; apud Diamond, 2007). Nessa linha, a sexualidade feminina é percebida como mais plástica ou fluida, com sensibilidade a fatores situacionais ou interpessoais, e muitas vezes é relatada uma transição abrupta em seus desejos e identidades. A afinação e momento do desenvolvimento também tem suas particularidades: muitas mulheres relatam que não vivenciaram atração por pessoas do mesmo sexo até a idade adulta, geralmente como resultado de encontrar indivíduos homo ou bissexuais, além de oportunidades para esse contato. Um pivô muito documentado é a formação de um forte laço afetivo com uma amiga próxima, fazendo a mulher questionar a própria identidade e orientação sexual (revisão de Diamond, 2007). Do ponto de vista dos sistemas dinâmicos, esse tipo de cenário sugere interações nos sistemas biossociais que perpassam a sexualidade e afetividade para originar outro comportamento. Ainda, sob certas circunstâncias algumas mulheres poderiam ser capazes de desenvolver formas emergentes de pensamento e comportamento eróticos em qualquer estágio da vida – e não somente a partir das experiências da infância ou, no mais tardar, na adolescência. Muitas mulheres que se identificam como bissexuais não se lembram de terem tido atração por pessoas do mesmo sexo quando crianças ou adolescentes, por exemplo (Diamond, 2007).

Ao mesmo tempo, o sistema envolve períodos de estabilidade temporária, mas ainda se mantém suscetível a mudanças e reconfiguração para se adequar a novos contextos. As mulheres tendem a apresentar regularidade de orientação sexual no longo prazo, apresentando oscilações consideráveis em torno dessas posições. É o que acontece no caso em análise, mas também observável em outros indicadores da sexualidade, como o desejo sexual. Portanto, a variabilidade ao longo da vida não seria um componente apenas da orientação sexual feminina, mas do desejo sexual de modo mais amplo (Diamond, 2012). E a dependência do contexto, além de aparentemente ser relevante para a atração, também pode ser um componente que afeta a excitação: para as mulheres, o desejo é fundamentalmente responsivo, geralmente experienciado após um estímulo erótico (Basson 2000, apud Diamond, 2012).

A partir desse modelo – de forma a complementar outras abordagens biossociais, e não excluí-las –, seria possível avançar na tentativa de entender o desenvolvimento sexual de crianças, adolescentes e também adultos, sob um ponto de vista que esse processo, embora possa se estabilizar em certos momentos, não se encerra completamente em dado momento, ao atingir uma maturidade (Barret, 2011). De outra forma, o risco é que a tentativa de encontrar predictores sociais na infância ou na adolescência para comportamentos engendrados na idade adulta pode ignorar o papel das trajetórias individuais na formação da pessoa. Ou ignorar que, como cada organismo tem um corpo único, com únicos e extraordinariamente complexos sistemas nervosos, além de experiências diárias únicas recheadas de eventos do acaso, o curso do desenvolvimento é praticamente impossível de predizer de antemão (Thelen, 2005).

**Referências bibliográficas**

Barret, L. (2011). Babies and bodies. In Beyond the brain: How body and environment shape animal and human minds (Capítulo 10, pp. 175-192). Princeton University Press.

Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. Child Development, 62(4), 647-670.

Brown, J. D. (2002). Mass media influences on sexuality. Journal of Sex Research, 39(1), 42-45. <https://doi.org/10.1080/00224490209552118>

Diamond, L. M. (2007). A dynamical systems approach to the development and expression of female same-sex sexuality. Association for Psychological Science, 2(2), 142-161.

Diamond, L. M. (2012). The desire disorder in research on sexual orientation in women: Contributions of dynamical systems theory. Archives of Sexual Behavior, 41(1), 73–83. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9909-7>

DiBlasio, F., & Brenda, B. (1990). Adolescent sexual behavior. Journal of Adolescent Research, 5(4), 449-466.

Fogel, A. (1993). Developing through relationships. Chicago: University of Chicago Press.

Fogel, A. (2003). Remembering infancy: Accessing our earliest experiences. In G. Bremner & A. Slater (Eds.), Theories of Infant Development (pp. 204–232). Cambridge: Blackwell.

Fogel, A. (2006). Dynamic systems research on interindividual communication: The transformation of meaning-making. Journal of Developmental Processes, 1, 7–30.

Gagnon, J. H. (1990). Gender preference in erotic relations: The Kinsey scale and sexual scripts. In D. P. McWhirter, S. A. Sanders, & J. M. Reinisch (Eds.), Homosexuality/heterosexuality: Concepts of sexual orientation (pp. 177–207). New York: Oxford University Press.

Griffee, K., O’Keefe, S. L., Beard, K. W., Young, D. H., Kommor, M. J., Linz, T. D., Swindell, S., & Stroebel, S. S. (2014). Human sexual development is subject to critical period learning: Implications for sexual addiction, sexual therapy, and for child rearing. Sexual Addiction & Compulsivity, 21(2), 114-169. <https://doi.org/10.1080/10720162.2014.906012>

Hogben, M., & Byrne, D. (1998). Using social learning theory to explain individual differences in human sexuality. Journal of Sex Research, 35(1), 58-71. <https://doi.org/10.1080/00224499809551917>

Ingold, T. (2000). Evolving skills. In Alas, poor Darwin: Arguments against evolutionary psychology, 273-297.

Longmore, M. A., Eng, A. L., Giordano, P. C., & Manning, W. D. (2009). Parenting and adolescents' sexual initiation. Journal of Marriage and Family, 71 (5), 969–982.

Martyniuk, U., & Štulhofer, A. (2018). A longitudinal exploration of the relationship between pornography use and sexual permissiveness in female and male adolescents. Journal of Adolescence, 69 (1), 80-87. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.09.006>

Peragine, D. E., Skorska, M. N., Maxwell, J. A., Impett, E. A., & VanderLaan, D. P. (2022). A Learning Experience? Enjoyment at Sexual Debut and the Gender Gap in Sexual Desire among Emerging Adults. *The Journal of Sex Research, 59*(9), 1092-1109. <https://doi.org/10.1080/00224499.2022.2027855>

Petersen, J. L., & Hyde, J. S. (2010). A meta-analytic review of research on gender differences in sexuality, 1993–2007. Psychological Bulletin, 136(1), 21–38. <https://doi.org/10.1037/a0017504>

Skujja, K., & Halford, W. K. (2004). Repeating the errors of our parents? Parental violence in men’s family of origin and conflict management in dating couples. Journal of Interpersonal Violence, 19(6), 623-638. <https://doi.org/10.1177/0886260504263874>

Thelen, E. (2005). Dynamic systems theory and the complexity of change. Psychoanalytic Dialogues, 15(2), 255–283.

van Geert, P., & Steenbeek, H. (2005). Explaining after by before: Basic aspects of a dynamic systems approach to the study of development. Developmental Review, 25, 408–442.

van Wyk, P. H., & Geist, C. S. (1984). Psychosocial development of heterosexual, bisexual, and homosexual behavior. Archives of Sexual Behavior, 13, 505-544.

**Autoavaliação**

A dinâmica de diálogo que mantivemos ao longo das aulas me permitiu exercitar a paciência e o controle de uma ansiedade em expressar por meio da fala. Ao longo do tempo, isso deixou de ser uma inquietação, e eu passei a apreciar mais apenas ouvir outras contribuições, em vez do que eu mesma teria a falar. Acredito que poderia ter focado mais em me concentrar em ouvir e refletir sobre o que é dito. Gostaria também de ter ido mais a fundo sobretudo sobre as biografias dos autores e suas linhas de pesquisa, o que nem sempre fiz.

Ainda assim, assistir a essas aulas foi uma experiência muito importante para sentir que estou aprendendo, que tem muito conhecimento que eu não sabia existir, que o desenvolvimento é constante, que preciso trabalhar muito mais minha humildade intelectual.